

**FRONTEIRAS LINGÜÍSTICAS E CULTURAIS EM CERRO LARGO (RS):
PERSPECTIVAS GLOTOPOLÍTICAS**

NÁTALY SOUZA DA SILVA FAGUNDES^{1,2}, ANGELISE FAGUNDES³

1 Introdução

Embora muitas pessoas creiam que apenas os municípios que estão em contato direto com a fronteira são municípios fronteiriços, os estudos nos revelam que municípios no raio de 150 quilômetros da linha divisória internacional para dentro do território constituem o espaço que chamamos “zona fronteiriça”. Cerro Largo por sua vez, localizada a aproximadamente 54 quilômetros da Argentina, insere-se integralmente nesta zona. Contudo, pode-se considerar que as fronteiras, vão além dos limites geográficos, podendo serem compreendidas assim com o que a geografia chama de “fronteira vivida”, ou seja, um lugar onde a identidade dos moradores é moldada por experiências diárias de viver nesse território. Observa-se que o multilinguismo (OLIVEIRA, 2016) e as memórias familiares operam como elos que ultrapassam os limites oficiais, consolidando uma “identidade transfronteiriça”, em que as línguas, as culturas e o cotidiano definem o sentimento de pertencimento ao espaço da fronteira missioneira.

2 Objetivos

O objetivo principal do projeto foi o de compreender como se constituem as identidades culturais dos habitantes da região das Missões a partir de suas heranças linguísticas em Cerro Largo (RS). Este trabalho, em especial, analisar como professoras falantes de língua alemã em Cerro Largo se identificam como sujeitos fronteiriços. Busca-se compreender as interações culturais e linguísticas que emergem do contato com os países vizinhos e o papel da bagagem familiar na construção de uma identidade territorial que coloque a fronteira em uma posição de centralidade.

1 Acadêmica do Curso de Letras: Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo, nataly99silvasouza@gmail.com Bolsista PIBIC/UFSM (PES-2024-0290). Membro do POLIFONIA, atuante na linha de pesquisa “Glotopolítica”.

2 Grupo de Pesquisa: Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas, Formação Docente e Novas Tecnologias para o Ensino de Línguas.

3 Doutora em Educação (PPGE/UFSM), Professora Adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. angelise.silva@uffs.edu.br.

3 Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de natureza aplicada. Considerando as proposições de PAIVA (2019), o procedimento metodológico consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas⁴ com duas colaboradoras, cuja língua materna é o alemão. Utilizou-se o método etnográfico em linguística aplicada, cujo objetivo buscou “descrever um grupo” (Fetterman apud Paiva, 2019, p. 79). Nesta etapa da pesquisa⁵, focou-se na quarta fase proposta por Dörnyei (apud Paiva, 2019, p. 79), ou seja: a retirada de campo, fase em que se dá a análise final dos dados. A análise desses dados se deu a partir do viés da hermenêutica reconstrutiva (interpretativa) proposta por Trevisan e Deveschi (2022), considerando “Colaboradora A” e “Colaboradora B”, dentro das categorias de análise.

4 Resultados e Discussão

A análise das entrevistas evidencia que a identidade em Cerro Largo é construída de forma situacional e afetiva, não se restringindo aos limites geográficos, mas fundamentando-se no sentimento de pertencimento e nas experiências cotidianas. Conforme propõe Nogueira (2007), a fronteira deve ser compreendida como um "lugar de moradia e de existência", em que a subjetividade do habitante coloca o território em uma posição de centralidade.

Nesse sentido, a Colaboradora A (Entrevistada 1) identifica-se como fronteiriça devido à “tranquilidade e aos valores” da região, a qual caracteriza como uma “fronteira de paz”. Sua história familiar também se aproxima do "binômio liberdade-mobilidade" (DERROSSO, 2021), materializando e revelando a naturalidade de transitar entre nações, tornando algo normal. Ao relatar que seus primos “desbravaram” terras no Paraguai, mantendo o bilinguismo e circulando livremente para negócios e visitas, a docente demonstra que a fronteira funciona como um espaço de convivência que ignora os limites geográficos.

A Colaboradora B (Entrevistada 2) manifesta o conceito de “multipertencimento” (DERROSSO, 2021), que ocorre quando o indivíduo encontra no território a matéria-prima para apropriações identitárias que superam os limites nacionais. Ela afirma sentir-se “em casa” ao cruzar a linha divisória para a Argentina, utilizando a língua alemã como um elo de ligação entre famílias que compartilham a mesma origem migratória. Um dado relevante de sua

4 CAEE: 77589224.2.0000.5564 - Número do Parecer: 6.837.959

5 Essa pesquisa já estava em desenvolvimento no ano de 2024/2025 (PES-2024-0290), sob o título de “Estudos glotopolíticos: as fronteiras linguísticas e culturais de Cerro Largo (RS)”.

vivência é o fato de sua cunhada ser argentina e manter o uso do alemão em visitas aos parentes no país vizinho, reforçando o que Albuquerque (2018) denomina como "copresenças culturais e linguísticas", em que a identidade local se diferencia por sua proximidade com a cultura do outro.

Essa convivência também é observada no meio rural (Colaboradora A - Entrevista 1), especificamente na comunidade da Linha Tremônia, onde trabalhadores argentinos integram-se ao cotidiano local, participando de práticas como o jogo de bocha e o consumo de chimarrão. Esse processo revela que a identidade de fronteira é um espaço cultural de coexistência, em que é possível participar de atividades locais de uma nova comunidade sem perder suas origens, como sua essência e sua língua materna. Conforme os aspectos linguísticos, as colaboradoras evidenciam sua percepção de que as línguas alemã e espanhola são línguas adicionais essenciais para o território missioneiro. A Colaboradora B confirma que habitar a fronteira exige constante "adaptabilidade e flexibilidade" (DERROSSO, 2021) ao ouvir que palavras idênticas mudam de sentido ou carregam ambiguidades conforme o país e a região, como a placa "proibido trepar" citado durante a entrevista por um participante. Embora o termo também signifique "subir" em variantes regionais do português, o exemplo destaca como a paisagem linguística exige do habitante uma sensibilidade cultural apurada para interpretar códigos que circulam em ambos lados da fronteira.

Vale considerar que a fronteira aparece como naturalizada no cotidiano das colaboradoras, e não necessariamente como uma categoria consciente, mobilizada para definir sua própria identidade. Isso se manifesta na fala da Colaboradora A quando ela comenta que

Sabe que assim, eu já fui muito para o Paraguai, para a Argentina, aqui para Riveira, para o Uruguai. Nossa, a gente vai ali fazer compras direto, assim, dá 400 quilômetros pouco. (Entrevista 1)

Neste sentido, cabe refletir que as identidades culturais desse grupo analisado estão naturalizadas por práticas sociais tipicamente fronteiriças, como a troca do código linguístico, circulação, deslocamentos, compras, sem nomear explicitamente como práticas de alguém que "habita la fronteira" (Camblong, 2009).

5 Conclusão

A pesquisa nos mostra que a identidade em Cerro Largo é construída por uma fronteira vivida, em que as memórias de família e o uso do idioma de origem alemã, em especial,

transformam o território em um espaço de referência identitária. As narrativas das colaboradoras deixam claro que ser "fronteiriço" não é apenas uma questão de distância geográfica, mas um sentimento de pertencer a um lugar onde Brasil, Argentina e Paraguai se conectam naturalmente por laços de parentesco e multilinguismo, onde, além da cultura, há a circulação de múltiplas línguas. Na fala das colaboradoras, observa-se que esse "*habitar la frontera*" (Camblong, 2009) é algo naturalizado nas suas práticas sociais, não explicitado necessariamente como uma categoria consciente, mobilizada para definir suas identidades.

No entanto, o estudo revela um desafio que é a preservação da língua de herança como patrimônio regional, pois as novas gerações já não têm o dialeto como suas línguas maternas ou mesmo como língua adicional. Sob a ótica da glotopolítica, entende-se que as escolhas sobre quais línguas valorizar são atos políticos que decidem o futuro de uma cultura.

Portanto, conclui-se que não basta esperar que a língua sobreviva sozinha. É necessária a implementação de "ações dirigistas" (GUESPIN; MARCELLESI, 2021), ou seja, políticas planejadas e projetos nas escolas que trazem a história e o dialeto de origem alemã falados em Cerro Largo, RS, para o centro do ensino. E, ainda, que esses projetos partam do reconhecimento da diversidade presente no espaço da escola, ou seja, que não se invisibilize o multilinguístico presente, pois, para além do dialeto alemão, o espanhol argentino está presente, línguas indígenas, em especial a língua ticuna, assim como variantes regionais do português.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Identidades em territórios de fronteira:** os casos de Ceuta e Gibraltar na fronteira entre a África e a Europa. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 285-302, maio/ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.2.29532>.

CAMBLONG, Ana María. *Habitar la frontera*. deSignis, vol. 13, 2009, pp. 125-133. Federación Latinoamericana de Semiótica. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/6060/606066732013.pdf>

DERROSSO, Giuliano. **A fronteira como elemento identitário:** o caso das territorialidades transfronteiriças do Iguassu e uma possível identidade transfronteiriça. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 36, n. 1, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.33148/CES25954091V36n1\(2021\)1919](https://doi.org/10.33148/CES25954091V36n1(2021)1919).

GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. **Defesa da Glotopolítica**. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; LAGARES, Xoán Carlos (org.). Glotopolítica e práticas de linguagem. Niterói: Eduff, 2021. p. 11-50.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Fronteira: espaço de referência identitária?** Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, 2007.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

TREVISAN, A. L. ., DEVECHI, C. P. V. ., & Tauchen , G. . (2022). A Hermenêutica Reconstitutiva Habermasiana Na Pesquisa Em Educação. *Gestão & Aprendizagem*, (Especial), 91–111. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/mpgoa/article/view/65158>

Palavras-chave: FRONTEIRA; IDENTIDADE; MULTILINGUÍSTICO; DIVERSIDADE LINGUÍSTICA.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0334

Financiamento



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**